

LIEU, Judith M. *Neither Jew Nor Greek? Constructing Early Christianity*. London & New York: T&T Clark, 2002.

Monica Selvatici
Universidade Federal de Pelotas
<http://lattes.cnpq.br/5967812292633221>

Judith Lieu inicia a sua obra com o seguinte questionamento: quando o cristianismo apareceu primeiramente? Ela afirma tratar-se de uma questão simples, porém sem resposta. As palavras “nem judeu nem grego” de Paulo em Gálatas 3:28, que compõem o título do livro, sugerem o caráter da distinção, sugerem ser o cristianismo algo sem analogia ou precedente, embora Paulo ainda não utilize os termos ‘cristão’ e ‘cristianismo’. A autora, então, refaz a sua pergunta em várias outras: o cristianismo antigo foi realmente uma “nova criação”, sem precedentes? Sua relação com o mundo mais amplo foi caracterizada apenas negativamente, por aquilo que ele não era? Será que Paulo e aqueles que receberam suas cartas realmente se pensavam não como judeus nem como gregos? E estariam eles corretos em assim fazê-lo?

Na historiografia sobre o tema, muitos tentaram responder afirmativamente a tais perguntas. Mais recentemente, isto se tornou impossível. Reconhece-se que a língua grega foi majoritária no cristianismo antigo e durante muito tempo após o período do próprio Paulo. Além disso, percebem-se continuidades culturais e de visão de mundo entre esse cristianismo e o dito mundo greco-romano dominado pela cultura helenística. As discontinuidades são também muitas entre a realidade dos cristãos e aquela dos pagãos em torno deles. Aliás, já não se debate a grande questão ‘judaísmo – helenismo’ em termos de oposição e negação, mas na realidade em termos de continuidades e discontinuidades.

Tais categorias – continuidades e discontinuidades – devem se aplicar, de igual maneira, à relação entre o cristianismo e o assim chamado ‘judaísmo’, segundo Lieu, uma vez que se sabe, atualmente, que muitas análises bem-sucedidas da historiografia sobre o tema partiram do reconhecimento do caráter eminentemente judaico do movimento cristão antigo [ex. os trabalhos de Geza Vermes e discípulos]. A autora destaca um ponto importante: “*as continuidades fornecem a estrutura dentro da qual a discontinuidade pode ser explorada*”.

A partir das considerações acima, Lieu chega à problemática que é central para seu trabalho de pesquisa e da qual se originam os artigos da presente obra analisada. Ela afirma que o conhecimento crescente da variedade de pensamentos judaicos no final do período do Segundo Templo (com as descobertas dos Manuscritos do Mar Morto, etc.) tornou possível localizar os cristãos antigos dentro de tal diversidade. Uma consequência disso foi que se tornou cada vez mais difícil entender por que, como e quando os ‘cristãos’ não podiam mais ser localizados dentro daquela diversidade judaica, quer fosse no entendimento deles, no dos outros ou, ainda, no entendimento dos eruditos que os estudaram. A autora sumariza: “*o cristianismo nasceu do judaísmo e sempre se viu em continuidade com o passado judaico. No entanto, a história das duas crenças tem sido marcada pela suspeita e pelo conflito*”.

O discernimento de autores cristãos do longo legado de suspeita, que, segundo Lieu, pode ser chamado de “o anti-semitismo cristão”, tem impulsionado novas tentativas de se compreender de que modo o cristianismo emergiu como uma tradição religiosa separada do judaísmo e – é importante destacar – porque tal separação foi acompanhada de uma linguagem tão negativa. Lieu se posiciona como alguém que enxerga a responsabilidade política do historiador com o presente e com o futuro assim como com o passado.

A busca de Lieu por compreender a separação do cristianismo em relação ao judaísmo parte da importância que ela confere aos textos cristãos e judaicos, às narrativas, enfim, ao discurso produzido por tais cristãos e judeus que, segundo ela, “*são eles próprios parte do processo pelo qual o judaísmo e o cristianismo se tornaram realidade*”. A autora confere ênfase à retórica que auxiliou o processo de construção da identidade cristã antiga. Neste sentido, os seus artigos estão organizados progressivamente desde aqueles que partem de questões mais históricas até aqueles que conferem maior destaque à representação literária nos textos.

A primeira parte do livro – ‘Desconstruindo Fronteiras’ – reúne artigos que enfocam os modelos de reconstrução da separação e da interação entre ‘judeus’ e ‘cristãos’. O modelo dominante na historiografia atual é aquele que enxerga a “*divisão dos dois ‘caminhos’ que partilham uma origem comum*” [ex. DUNN, James. **Jews and Christians: the parting of the ways, A.D. 70 to 135**. Tübingen: Mohr/Siebeck, 1992]. O primeiro artigo de Lieu (‘The Parting of the Ways’:

Theological Construct or Historical Reality?) explora tal modelo e o questiona demonstrando que, como qualquer outro modelo, ele não é livre de valores teológicos: além de incorporar uma certa agenda política, ele advoga uma precisão que obscurece a complexidade dos dados que procura interpretar. Já os artigos ‘Do God-fearers make Good Christians?’ e ‘The Race of the God-fearers’ mostram como as fontes não apóiam a visão comum de que os tementes a Deus foram um público pronto para receber o evangelho cristão livre da lei e que eles constituíram a ponte inquestionável para a disseminação desse evangelho no mundo pagão. Além disso, o epíteto ‘Tementes a Deus’ dado a tal grupo hipotético desempenhou um papel retórico importante dentro da auto-representação tanto de judeus como de cristãos no mundo greco-romano e, por isso, aponta para a contínua interação entre eles. Toda esta primeira parte destaca a contínua falta de nitidez nas fronteiras entre os diferentes grupos no período da emergência do cristianismo antigo de seu passado judaico.

O segundo grupo de artigos – ‘Mulheres e conversão no judaísmo e no cristianismo’ – enfoca a presença e a conversão de mulheres pagãs ao judaísmo e ao movimento cristão. Eles atentam para o fato de que os textos antigos que falam desta presença feminina são escritos por homens – um lembrete de que não se pode tomar afirmações antigas e também modernas sobre a presença e o papel das mulheres no judaísmo e no cristianismo antigos como dados imparciais, mas que é necessário averiguar a política de tal discurso.

Entre os textos cristãos, Lieu observou que os autores cristãos utilizam com frequência os judeus como modelo invertido. Assim, muito da polêmica contra os judeus refletida nos textos cristãos envolve questões pastorais e teológicas mais frequentemente discutidas no interior do grupo dos cristãos do que externamente com os judeus. Desta forma, os artigos da terceira parte do livro – ‘Teologia e Escritura nas visões cristãs antigas do judaísmo’ – giram em torno da imagem dos judeus no mundo real e no imaginário de tais textos. Algo que emerge significativamente é o efeito formativo das escrituras na formação da percepção cristã dos judeus. Um exemplo cabal – analisado no artigo ‘Reading in Canon and Community: Deut. 21:22-23, a test case for dialogue’ – é a passagem do Deuteronômio 21:22-23, cuja leitura paulina em Gálatas 3:10-14 é utilizada posteriormente, por Justino o mártir em especial, de maneira a consolidar as idéias dos cristãos sobre si mesmos e sobre os

judeus. Este procedimento torna difícil a recuperação de possíveis fatos por trás dos textos cristãos.

Os três artigos finais – na parte denominada ‘A formação da identidade ‘cristã’ antiga’ – enfocam o longo processo de construção da identidade cristã que, em seu início, deve ser vista em termos da diversidade e não de unidade. Lieu se pergunta: *“como os autores cristãos antigos, tal como seus pares judaicos, encontraram formas de inscrever o sentido de serem, ao mesmo tempo, parte de algo e distantes deste mesmo algo dentro das complexidades do mundo greco-romano?”*. Neste sentido, os três artigos exploram aspectos da identidade cristã em formação. Um aspecto importante a ser observado é que a identidade cristã é particularmente bem afirmada quando existe a disposição, no caso dos mártires, para morrer por ela. E tal entrega da vida pela afirmação da identidade cristã se tornou um elemento característico na autocompreensão dos cristãos. Além disso, as formas variadas em que a identidade cristã foi alcançada, por meio dos relatos textuais de martírio, nos lembram como a representação literária, de fato, se afirma como experiência a seus leitores.

Segundo Judith Lieu, três importantes conclusões emergem de seu estudo:

1. A forte continuidade com a experiência judaica na autocompreensão cristã, mesmo quando parece haver descontinuidade;
2. Também há continuidades assim como descontinuidades no processo de desenvolvimento da autocompreensão tanto de judeus como de cristãos em relação ao mundo ‘pagão’ greco-romano (ele próprio em contínua mudança) em torno deles;
3. A primazia da literatura na formação de ambas identidades judaica e cristã, na medida em que ela não constitui apenas as fontes, mas, principalmente, confere os contornos definitivos para as duas tradições religiosas.

O trabalho de pesquisa de Judith Lieu, nos estudos sobre o Novo Testamento, traz uma abordagem metodológica nova – aquela da análise narrativa da literatura judaica e cristã com o objetivo, dentre outros, de demonstrar a natureza retórica da polêmica cristã antiga contra o judaísmo. Tal metodologia empregada é a grande contribuição de seu trabalho porque permite o questionamento de antigas evidências entendidas pela historiografia anterior como dadas, certas, ou até mesmo

não passíveis de questionamento. Outro ponto alto de seu trabalho é o fato de que a autora entende que as noções modernas de identidade judaica e cristã como categorias distintas e facilmente observáveis não devem ser projetadas sobre a antiguidade, pois reconhece que as fronteiras entre as duas comunidades eram mais fluidas do que se imaginava e que cada comunidade religiosa se expressava de múltiplas formas em termos da crença e da prática, havendo continuidades e descontinuidades entre ambas e entre elas e o mundo greco-romano no qual elas estavam inseridas. A terceira qualidade do trabalho de Lieu é a premissa da qual ele parte: a literatura cristã está na base da formação da identidade cristã, na medida em que a autora percebe que a retórica dos textos auxiliou o processo de construção da identidade cristã antiga.

Eu tive a oportunidade de observar apenas um pequeno problema que Judith Lieu não parece ter conseguido resolver de forma plena em seu trabalho. Embora ela analise como a retórica, o discurso, de certos textos cristãos auxiliou o processo de formação da identidade cristã, em várias ocasiões, ela traça uma distinção entre construção teológica e realidade histórica, como se ambas fossem, de fato, facilmente separáveis. Neste sentido, parece que há ainda uma certa carência de embasamento do trabalho da autora na teoria do discurso do filósofo Michel Foucault. Segundo Foucault, os discursos (saberes, formulações que se tornam verdades em diversos contextos sociais) são, eles próprios, produtores de novas práticas, produtores de realidade. De acordo com este entendimento, qualquer texto cristão, ao ser produzido, representa uma realidade passada e, ao mesmo tempo, cria outra realidade ao tornar as informações de seu texto verdades a serem seguidas pelos demais cristãos. Judith Lieu parece, por vezes, ainda acreditar que um texto escrito possa reproduzir/representar uma realidade passada de forma absolutamente fiel a ela.